



## **Ciberativismo Nas Redes Sociais: Compartilhando Mudanças<sup>1</sup>**

Tamires Parreira RESENDE<sup>2</sup>  
Yarim Mayma Ferreira FREITAS<sup>3</sup>  
Pedro Pinto de OLIVEIRA<sup>4</sup>

Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT

### **RESUMO:**

O presente trabalho analisa, pelo viés comunicacional, as relações entre formas e conteúdos, a partir de um estudo de caso sobre o modo como a internet foi utilizada como ferramenta de mobilização em dois movimentos políticos: a Primavera Árabe e as Manifestações ocorridas no Brasil em 2013. Buscamos a compreensão da Internet como meio de comunicação nas formas das redes sociais e o comportamento dos ativistas no cenário da web de acordo com os dois contextos distintos. Em desdobramento, foi feita uma análise comparativa do ativismo político em ambos os movimentos, vendo as formas de comunicação, a construção do discurso na aplicação dos dispositivos para a atuação dos grupos ligados ao ciberativismo. Usamos como base teórica os fundamentos do paradigma relacional e a compreensão da interface da comunicação e política a partir de textos de Vera França.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação e Política. Dispositivo. Internet. Ativismo.

### **Introdução**

Essa pesquisa tem como eixo teórico a análise comunicacional que visa comparar a ação dos ativistas nas redes sociais em dois movimentos: a Primavera Árabe em 2011 e as Manifestações ocorridas no Brasil em 2013. Para isso, como procedimentos metodológicos, evidenciamos três redes sociais: o Twitter, o Facebook e o Youtube; uma vez que foram esses os principais meios de disseminação de ideologias desses acontecimentos, porém focalizando os dois primeiros.

Iniciamos o presente artigo com a fundamentação teórica sobre a relação entre Comunicação e Política baseado na autora França (2000)<sup>5</sup>, destacando como o processo de mediatização do corpo social exerce influência sobre os modos de afetação e interação entre os indivíduos, além da nova forma da ação política que, para nós, é fundamental. Em seguida,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 7 – Comunicação, espaço e cidadania do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 4 a 6 de junho de 2015.

<sup>2</sup> Estudante do 1º Semestre do curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda – Universidade de Cuiabá, e-mail: tamires.resendep@gmail.com.

<sup>3</sup> Estudante do 3º Semestre do curso de Comunicação Social - Publicidade e propaganda – Universidade Federal de Mato Grosso, e-mail: yarim\_mah@hotmail.com

<sup>4</sup> Orientador do trabalho. Professor Dr. do curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Mato Grosso, e-mail: ppo@terra.com.br

<sup>5</sup> Professora Dra. em Comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais.



desenvolvemos um conceito de ciberativismo e o papel das novas mídias em detrimento das transformações políticas e sociais na sociedade atual. A partir de então, iniciamos a análise comparativa de cada movimento, através do viés comunicacional, com enquadramento nas redes sociais, enfatizando as características particulares de cada um, assim como o contexto no qual estão inseridos.

Isso está diretamente relacionado com a forma que os discursos foram construídos, os valores que atravessaram a interação entre os personagens envolvidos nos acontecimentos e como as novas mídias digitais foram utilizadas nesse processo. O ciberativismo consiste na utilização da internet como uma ferramenta para a difusão de informações, reivindicações e debates políticos. Sem depender de meios de conciliação, essas práticas são oriundas de grupos motivados politicamente.

Os movimentos analisados ocorreram em cenários distintos. No Brasil, a população vive em um regime democrático, o qual possibilita que debates ocorram livremente acerca de qualquer tema e, inclusive, críticas ao governo. Enquanto nos países árabes, a população vive sob forte regime ditatorial, frequentes guerras civis provocadas por intolerância religiosa, governantes que há anos ocupam o poder, além de uma série de problemas relacionados à falta de políticas públicas – que deveriam ser asseguradas pelo governo.

Aliás, esse é um fator em comum entre esses dois movimentos, a falta de investimentos em serviços básicos para a população como, por exemplo, o acesso à saúde e educação de qualidade; além de diversos casos de corrupção por parte do governo e a falta de liberdade de expressão. No caso específico da população árabe, o desejo de democracia foi um fator crucial para que milhares de pessoas fossem às ruas de seus países para manifestarem descontentamento e exigir melhores condições de vida.

### **Comunicação e política**

Segundo a autora França (2000), no que diz respeito aos estudos sobre comunicação e política, alguns conceitos deixam de ser ideológicos para se tornarem mais explicativos. Com essa ruptura, passamos a viver uma “realidade midiática”, no qual o propriamente político parece sucumbir a essa nova realidade.

É inegável que os nossos modos de interação social foram transformados pelo impacto das novas formas de comunicação e novos dispositivos digitais, o que tem possibilitado mudanças na maneira de atuação dos indivíduos em determinadas questões do corpo social. Certamente, esse processo de midiatização da sociedade afeta, inclusive, os modos da ação



política. Na concepção da autora (2000, p. 6), “os meios de comunicação (agora batizados de mídia) assumem um papel central nesse novo cenário”.

Essa nova finalidade comunicativa propicia estudos sobre a participação das classes mais subalternas através de formas alternativas de comunicação. O que, para França (2000, p. 6), ajuda a desenvolver a “crítica ao paradigma dominante” e indica “formas de intervenção concreta na realidade” como, por exemplo, “através do desenvolvimento de experiências de comunicação participativa junto a grupos populares”.

Trazendo para o nosso objeto de estudo, no que diz respeito à construção dos discursos dos ativistas nas redes sociais, nos deparamos com questões como a persuasão (na utilização de elementos como jargões, com o objetivo de estimular o restante dos ativistas), a argumentação (apropriação de discursos patrióticos com a intenção de unificar o desejo de mudança) e a verdade (tanto no sentido de informar sobre os acontecimentos, quanto no sentido de relatar a verdade no sentido literal da palavra).

No entanto, diante desse mesmo contexto, o papel do receptor transforma-se com incrível rapidez, segundo França (2000, p. 9) deixa “uma posição de passividade absoluta a uma situação de quase onipotência”. Essa caracterização – por vezes atribuída ao receptor – varia de acordo com a intenção e o modo como queiram classificá-los, ora indiferentes a assuntos considerados importantes para a sociedade, ora efetivos protagonistas.

Observamos que, na contemporaneidade, as novas mídias possuem grande influência na opinião pública, sobretudo em assuntos que se originam na internet. Essa influência exercida pela mídia é uma questão central que tem gerado “preocupação de pesquisadores vindos tanto do campo da ciência política quanto da comunicação” (FRANÇA, 2000, p.7). É importante frisar que esse fato talvez esteja associado a uma possível despolitização da sociedade, exercida pela mídia de massa. No que diz respeito à política, a ação dessa mídia tem tratado de temas importantes a serem discutidos na sociedade de forma banalizada e sensacionalista.

### **Ciberativismo**

O ciberativismo é a uma forma de ativismo através da internet, ainda que seja necessária a existência do ativismo real. Utilizado, principalmente, por grupos politicamente ativos, essa forma de ativismo é realizada com a intenção de divulgar e abrir espaços para determinadas causas e possíveis discussões sobre os assuntos. Além disso, aqueles que utilizam dessa prática acreditam que essa seja uma alternativa aos meios de comunicação em massa tradicional.



Utilizado por ONGs e entidades civis por ser mais democrático e acessível, o ciberativismo vem crescendo intensamente; uma vez que, a única exigência para participar de algum ativismo em rede é ter acesso à internet. O indivíduo pode se envolver de diversas formas, como participar de fóruns e discussões, assinar abaixo-assinados on-line e, até mesmo, criar blogs para divulgar causas.

Essa nova forma de conceder voz à população tem criado força, principalmente, nas redes sociais, visto que o custo de uso é baixo e há uma eficácia na resposta a curto, médio e longo prazo. É constante o aumento no número de internautas que utilizam dessa ferramenta, como forma de defender e levantar causas, e essas redes sociais são fatores de grande importância devido ao seu alcance. A possibilidade de participar ativamente de alguma causa social ficou mais fácil e esse é justamente o fator mais importante que vem trazendo, para a web, a cada dia, mais ativistas.

### **Redes sociais**

As redes sociais são mídias capazes de conectar pessoas, possibilitando relacionamentos entre os participantes. O compartilhamento de informações e interesses intensifica a formação dessas redes, resultando em um fortalecimento da sociedade civil, em um contexto de maior participação democrática e mobilização social.

Existem vários tipos de redes sociais, entre eles: de relacionamento (como Facebook, Twitter e Youtube), redes profissionais, redes comunitárias, redes políticas etc. Dentre essas, as redes de relacionamentos são as mais utilizadas. Normalmente, essas redes se dão através de plataformas on-line que fazem um conjunto de interesses entre indivíduos que se relacionam por meio da mesma, além de possibilitar aos usuários serviços como jogos e bate-papos.

As redes sociais têm transformado a forma de comunicação entre as pessoas. Atualmente, seu alcance mundial tem influenciado opiniões e mobilizado diversos grupos sociais. É inegável o quanto é intrínseca a participação dessas redes na vida dos indivíduos e o quanto ela modificou o modo de interação social.

### **Redes sociais como forma de articulação e luta: o papel da comunicação**

A articulação de usuários através do Twitter e do Facebook – as duas plataformas de redes sociais mais acessadas do Brasil – foi uma das forças fundamentais frente às manifestações ocorridas no Brasil durante o mês de junho de 2013. O Facebook foi uma das principais fontes de informações sobre os protestos para os brasileiros. Nele, as pessoas



debatiam sobre temas políticos e discorriam textos expondo suas próprias opiniões. Além disso, era comum saber, pelos usuários do Facebook, as chamadas que estariam no Twitter, interligando, assim, as duas ferramentas.

De acordo com um levantamento da consultoria *Serasa Experian*, divulgado pelo jornal Valor Econômico, o Facebook teve uma taxa de participação (perfis de usuários em atividade) de 70% dos brasileiros com presença no site no dia 13 de junho – data referente ao terceiro pico de participação do ano. Segundo o mesmo levantamento, o Twitter contabilizou cerca de 11 milhões de tweets com a palavra "Brasil" e 2 milhões mencionando "protesto" entre os dias 6 e 26 de junho.

As redes sociais também revelaram sua força nos países onde ocorreu a Primavera Árabe. Conforme o relatório da *Dubai School of Government*, nove em cada dez tunisianos e egípcios afirmaram ter usado o Facebook para organizar os protestos e aumentar a participação da população nas manifestações. O número de usuários do Facebook, no mundo árabe, cresceu de 14,8 milhões para 27,7 milhões, no período de um ano, entre fevereiro de 2010 e 2011.

O uso das mídias sociais durante as revoltas árabes não se restringiram apenas à população mais jovem que comparecia às ruas. Algumas figuras, que mantinham posição contrária ao regime dos governantes árabes, passaram a utilizar as plataformas com mais força e se destacavam das demais por conta da frequência com que postavam suas mensagens e pela maneira com que descreviam os acontecimentos.

Um deles foi o colunista e analista político dos Emirados Árabes Unidos, Sultanal Qassem que postou sua primeira mensagem chamando a atenção para a morte do tunisiano no início de janeiro. Al Qassem narrou a revolução tunisiana e depois começou a divulgar o que ocorria no Egito. Seus posts começaram a ser utilizados pelos veículos de comunicação ocidentais e o número de seguidores, desde janeiro, cresceram vertiginosamente de 7 mil para pouco mais de 100 mil seguidores. Por conta desse crescimento, o Al Qassem foi eleito um dos twitteiros mais influentes do mundo, pela revista norte-americana *Time*. Atualmente, ele possui 318 mil seguidores.

Outro exemplo desse uso profissional das redes sociais é o da jornalista Mona Eltahawy. Em seu perfil no Twitter, a jornalista narrava os acontecimentos no Egito, descrevia fatos presenciados durante sua ativa participação nos protestos na Praça Tahrir, além dos confrontos entre manifestantes e forças policiais. Por meio de sua conta na rede, no dia 24 de novembro de 2011, Mona denunciou que havia sofrido espancamento e abusos sexuais por parte da polícia. Foi detida na Praça Tahrir e levada até o Ministério do Interior,



local onde permaneceu por 12 horas. Durante esse tempo, Mona teve seu braço esquerdo e mão direita quebrados. No Twitter contou sobre a violência sofrida:

Estou livre. Além de baterem em mim, os ‘cachorros da CSF’ [Força de Segurança Central] me sujeitaram ao pior abuso sexual. Cinco ou seis me cercaram, apertaram meus seios, pegaram na minha área genital e eu perdi a conta de quantas mãos tentaram entrar nas minhas calças. Eles são cachorros e seus chefes são cachorros. F\*\*\*\*\*, polícia egípcia. (ELTAHAWY, 2011)

Apesar disso, Mona Eltahawy continuou utilizando o Twitter para relatar o que ocorria no país. Atualmente, possui 211 mil seguidores no perfil da plataforma.

### **Ciberativismo: das redes às ruas**

Os movimentos analisados, neste artigo, possuem, obviamente, questões semelhantes e diferentes entre si. Desde o contexto histórico, nos quais estão inseridos, aos valores inerentes nos discursos construídos em cada um, assim como o período em que ocorreram.

O ponto de partida para uma série de protestos do movimento, que ficou conhecido como Primavera Árabe, foi a morte de Mohamed Bouazizi, um jovem vendedor ambulante tunisiano que ateou fogo em seu próprio corpo em revolta contra o desemprego e as más condições de vida em seu país. A partir de então, iniciou-se uma revolução por parte da população dos países árabes – que partilhavam de problemas semelhantes aos da Tunísia.

No Brasil, a onda de protestos começou em São Paulo, no dia 06 de junho, com o Movimento Passe Livre (MPL) que foi às ruas após o aumento da passagem do transporte público coletivo da capital de R\$3,00 para R\$3,20.

A construção dos discursos relativos aos dois movimentos ocorreu de maneiras diferentes. O discurso dos ativistas no mundo árabe era centralizado e convergiam, principalmente, contra as tentativas de repressão e censura na internet por parte dos Estados, as más condições de vida, o desemprego, a injustiça política e social de seus governos, como também, o apelo por democracia e a retirada de vários ditadores que há anos ocupavam o poder.

Em contra partida, no Brasil, o discurso era totalmente fragmentado. O movimento foi marcado por uma multiplicidade de causas, do aumento das passagens, a realização da Copa do Mundo no país, a corrupção e o desperdício com o dinheiro público. A cada protesto surgiam novas causas de pequenos grupos da sociedade. Apesar dessa distinção, em ambos os episódios, a busca da população, em geral, era por igualdade social e melhores condições de vida.

Durante os protestos no mundo árabe, a intenção dos ativistas em utilizar as redes sociais era de articular as datas e locais das manifestações, mobilizar a população para os



protestos e, principalmente, espalhar as notícias de forma que o mundo todo fosse informado a respeito do que ocorria nos países. Os relatos dos próprios ativistas tornaram-se tão importantes devido ao fato de que os veículos nacionais de comunicação eram impedidos de transmitir o cenário real. Além disso, o acesso da imprensa internacional a alguns desses locais era restrito e muitos governos, nos países em revolução, agiram de maneira proibitiva para impedir que as revoltas se fortalecessem. Exemplo disso, foi o presidente da Síria, Bashar al Assad, que sofria grande pressão para renunciar e que proibiu a entrada de jornalistas internacionais e o acesso da população às redes sociais.

De modo semelhante, os brasileiros também usufruíam das redes sociais para organizar os protestos, informar instantaneamente os locais das cidades onde estavam as tropas da polícia, com o intuito de aglomerar ainda mais manifestantes e disponibilizar ajuda aos presos e feridos devido às repressões policiais.

Ademais, as mídias sociais foram cruciais, segundo os militantes, para disseminar a verdade acerca dos acontecimentos, dado que os jornais e revistas expunham os fatos sob um ponto de vista específico, atendendo a uma determinada ideologia. Dessa forma, ao perceber que as informações noticiadas pelos veículos de mídia tradicional não correspondiam com a realidade, perdeu-se a fé nesses veículos. A partir de então, começou uma busca nas redes sociais pelo o que se acreditava ser a verdade. Essa credibilidade foi alicerçada através dos vídeos, fotos e depoimentos feitos sem edições e por pessoas comuns, que foram transformados em jornalistas amadores.

As pessoas começaram a usar as plataformas para expressar as próprias opiniões, possibilitando, assim, analisar um mesmo assunto sob vários ângulos. Mostrou-se, então, uma clara discrepância entre as informações vistas nas mídias tradicionais e as compartilhadas nas mídias sociais, propiciando que os usuários cedessem mais atenção aos assuntos que circulavam nas redes e, conseqüentemente, se engajassem mais.

Na percepção da população, além de os veículos tradicionais tentarem mascarar a realidade, começaram a apropriar-se do que era divulgado nas mídias sociais para organizar sua programação, combater as notícias que estavam sendo propagadas nas redes e, após constatar o descontentamento do povo, os veículos tentaram se mostrar aliados dos ativistas.

## **Facebook**

O Facebook foi uma das principais ferramentas utilizadas pelos ativistas, durante os dois acontecimentos, porém, essa mídia teve maior representatividade para o movimento ocorrido no Brasil. Através das páginas do Facebook, os ativistas demonstravam



posicionamento político, organizavam os atos de protestos por intermédio da criação de “eventos”, que continham informações sobre data e local de encontro das passeatas. Desse modo, os usuários poderiam confirmar ou não presença no evento, o que possibilitava ter uma noção da quantidade de pessoas que compareceriam aos atos.

Além disso, através dessa rede social, as pessoas publicavam notícias, fotos, vídeos da sua própria participação no movimento, acompanhados de cartazes com frases de efeito, jargões e as hashtags<sup>6</sup>. Estas, no entanto, foram mais utilizadas no Twitter, que no Facebook. Nessa ferramenta, havia uma página denominada “AnonymousBrasil” que incentivavam os ativistas e estimulavam os questionamentos, através de posts emblemáticos, protegidos pelo anonimato. A página possui atualmente, 1.495.352 “curtidas”, ou seja, número de usuários que seguem a perfil.

Na Primavera Árabe, o Facebook foi utilizado com menor proporção, se comparado às manifestações no Brasil, exercendo, porém, fundamental importância, tendo em vista que os ativistas também compartilhavam fotos e vídeos dos protestos.

## **Twitter**

O Twitter foi uma das principais fontes de informação em tempo real sobre o que acontecia em ambos os movimentos. Através dele, os manifestantes publicavam fotos e vídeos instantâneos do que estavam presenciando, relatando, portanto, tudo que vivenciavam.

Nos países árabes, foi a plataforma mais utilizada pelos ativistas com a finalidade de disseminar informações ao mundo e relatar as atrocidades cometidas pela polícia. Esse fato possibilitou uma maior repercussão da revolução árabe, evitando que as notícias ficassem restritas apenas aos países da região. As notícias eram sempre acompanhadas das hashtags, que foram elementos massivos nos posts dos ativistas.

## **As hashtags**

Usadas com a intenção de conseguir maior alcance e visibilidade para determinados assuntos, as hashtags foram elementos utilizados com grande expressividade, principalmente, no Twitter. As hashtags mais usadas ficam agrupadas no menu Trending Topics<sup>7</sup>, encontrado na barra lateral do microblog.

Na Primavera Árabe, por exemplo, a hashtag ‘#Egypt’ (em inglês, Egito) foi a mais twittada durante o ano de 2011. Durante os três primeiros meses dos protestos, em território

---

<sup>6</sup> A hashtag é uma palavra-chave precedida do símbolo #, que são incluídas em mensagens nas redes sociais a fim de tornar o post acessível às pessoas com interesses semelhantes.

<sup>7</sup> Trending Topics ou TT's é uma lista em tempo real dos assuntos mundiais mais comentados no Twitter.



egípcio, o termo foi usado 1,4 milhões de vezes. Na 10ª colocação ficou a hashtag ‘#Jan25’, data que marca o início dos protestos contra o presidente egípcio Hosni Mubarak, sendo utilizada 1,2 milhão de vezes no Twitter, durante os primeiros meses do movimento. Tais elementos, juntamente com a expressão ‘#prayforEgypt’ (em inglês, reze pelo Egito), assim como o próprio nome do país, foram os termos mais citados na plataforma, entrando para a lista de Trending Topics mundiais. A hashtag ‘#Egypt’ permaneceu por muito tempo no topo, devido a frequência e quantidade de posts.

O ranking de assuntos mais comentados durante o movimento evidencia o fato de os ativistas terem conseguido brechas – através da internet para a disseminação de notícias sobre os protestos. Outros termos amplamente utilizados no Twitter, ao longo da Primavera Árabe, foram: ‘#Bahrain’; ‘#protest’; ‘#Yemen’; ‘#arabspring’; ‘#ghaddafi’; ‘#libya’. Sendo que os dois primeiros apareceram em 640 mil e 620 tweets, respectivamente.

Enquanto no Brasil, foram dois os termos mais utilizados, ‘#ogiganteacordou’ e ‘#vemprarua’, entrando para a lista de Trending Topics Brasil<sup>8</sup>. Contudo, a cada instante surgiam novas hashtags sobre os mais variados temas, como: ‘#forarenan’; ‘#passelivre’; ‘#grevedoscaminhoneiros’; ‘#rolezinho’; ‘#nãoàcuragay’. Além de frases que apresentavam repúdio ao governo e suas ações, como: ‘#contraacorrupção’; ‘#gastospúblicos’; ‘#naomerepresenta’ e ‘#nãosãoapenas20centavos’. Tais expressões também eram transcritas para os cartazes utilizados nas ruas. Enfatizando, assim, a fragmentação dos discursos dos ativistas e a luta de diversos grupos com causas e reivindicações específicas.

## **Cartazes**

No cenário brasileiro, os cartazes eram levados em grande número às passeatas. Cada ativista produzia o seu, com as mais variadas reivindicações. Em sua maioria eram coloridos, com frases curtas e objetivas de modo que chamassem a atenção dos veículos de comunicação, que faziam a cobertura das passeatas. Com conteúdos sarcásticos, críticas, sentimento patriótico e expressões de duplo sentido, os cartazes também atuaram como protagonistas dos acontecimentos.

Na revolução árabe, o que se viu nos cartazes foram clamores por democracia, exigência pela saída de líderes ditadores do poder com expressões de ódio e a súplica por liberdade à toda a população, sobretudo, as mulheres. Outra característica peculiar na Primavera Árabe, foi a utilização de imagens com rostos dos ditadores, que eram destruídos e

---

<sup>8</sup>Trending Topics Brasil é uma estatística com assuntos mais comentados por brasileiros no Twitter.



queimados pela população em um momentos emblemáticos das passeatas, geralmente, nas praças.

### **Youtube**

Em ambos os movimentos, o Youtube foi utilizado pelos ativistas para postagem de vídeos a fim de evidenciar a forçados movimentos. As pessoas comuns, ao gravarem seus vídeos, postavam na plataforma e esse, posteriormente, poderia ser visto em todo o mundo, compartilhado nas demais mídias sociais, como no próprio Facebook e Twitter.

Os veículos de comunicação tradicional também utilizaram os vídeos nas coberturas e reportagens sobre os protestos. Normalmente, os vídeos continham cenas com ações violentas da polícia e a população nas ruas unida em um só coro cantando os hinos nacionais, tanto do Brasil quanto dos países árabes.

### **Considerações finais**

A utilização das redes sociais foi além do objetivo de socializar e conectar pessoas à distância. Atualmente, esses novos meios estão possibilitando uma expansão no universo comunicacional, o que propicia aos internautas uma maior interação, análise e interpretação dos acontecimentos, de modo que ocorram debates e pensamentos com maior criticidade, oriundos do processo de troca de ideias e afetações mútuas. Nesse sentido, manifesta-se algo que antes era visto somente nas ruas, o ativismo. Agora, também presente na web, denominado ciberativismo.

O ciberativismo tem sido um dos meios mais eficazes para a obtenção dos objetivos delineados, em todos os âmbitos da sociedade. Com o poder de alcance cada vez maior, ele potencializa a força dos movimentos de massa, existentes também na web, e se torna um poderoso artifício na luta por questões que afetam diretamente a sociedade. Isso é perceptível, principalmente, quando tratamos de injustiças sociais e assuntos de interesse público. Exemplos disso são os acontecimentos analisados no presente trabalho.

Tanto a Primavera Árabe quanto as Manifestações ocorridas no Brasil obtiveram tamanha repercussão devido à forte relevância que a Internet possui atualmente na vida das pessoas. Essa representatividade associada ao desejo da maioria por uma sociedade mais livre e igualitária gerou dois importantes movimentos, os quais nos fizeram refletir acerca dessa nova forma de se fazer política, em meio a esse intenso processo de midiatização da sociedade.



Embora os dois movimentos tenham ocorridos em lugares distantes, com culturas extremamente diferentes e em cenários políticos contrários, a Primavera Árabe e as manifestações ocorridas no Brasil possuem aspectos particulares diretamente ligados ao contexto no qual estavam inseridos e refletem muito sobre o percurso final dos dois movimentos; a começar pela forma de governo em ambos os movimentos. No Brasil, vivemos em um regime democrático, enquanto os países árabes viviam sob forte regime ditatorial. Outro importante traço a ser salientado em ambos, são os modos como os discursos foram construídos: no Brasil ocorreu de forma fragmentada, enquanto nos países árabes foi de modo unificado.

No que diz respeito à ação política através das redes sociais, para a propagação de informações acerca dos fatos, o dispositivo mais utilizado pelos ativistas no Brasil foi o Facebook. Na mesma proporção, o Twitter foi o mais utilizado durante a revolução no mundo árabe. Ambos os movimentos partilhavam de sentimentos patrióticos, nos quais elementos representativos como bandeiras dos países e hinos nacionais eram fortemente exaltados.

No início do ano de 2011, ao serem divulgados nas redes sociais, os protestos durante a revolução árabe geraram a comoção dos internautas e provocaram grande mobilização dos usuários na web, estimulando assim o mundo todo a juntar-se mesmo que virtualmente à luta pela liberdade de um povo.

Além da comoção da sociedade nas redes sociais, tais redes também serviram como um amparo a propagação da informação, levando em conta a censura da informação nos demais meios, os quais são responsáveis por transmitir notícias ao mundo; dessa forma, através do ciberativismo, encontraram uma nova forma de repassar notícias, de tal forma que as redes sociais mais uma vez foram um trunfo, sendo utilizadas como forma de relatar tudo o que os governantes procuraram esconder.

Dois anos depois de ocorrida a Primavera Árabe, do outro lado do mundo, os brasileiros também usufruíram das redes sociais para o alcance de possíveis mudanças. Talvez instigados pela esperança de que as mobilizações fossem constantes e duradouras, de modo a provocar resultados concretos, como ocorreu nos países árabes, com a saída de vários ditadores do poder, os ativistas brasileiros tomaram as ruas tendo em mãos uma arma poderosíssima: seus computadores e smartphones. Conectados a internet, a informação chega até as demais pessoas, dessa vez, muito mais rápida, sobretudo, sem cortes.

Contudo, mesmo herdando a forma de ativismo de seu antecessor, as manifestações ocorridas no Brasil possuíam características particulares em relação à Primavera Árabe. Os dispositivos de comunicação foram os mesmos, todavia a construção dos discursos, os



cenários, os resultados alcançados, entre outros elementos são aspectos que os diferenciam, mantendo, porém, o desejo de transformações para além do mundo on-line.

### Referências bibliográficas

ANONYMOUSBRASIL. **Perfil Facebook.** Disponível em: <<https://www.facebook.com/AnonymousBr4sil?fref=ts>>. Acesso em: 27 jan. 2015.

BORGES, Thassio. **Redes sociais foram o combustível para as revoluções no mundo árabe.** Blog Mobilização Digital. Blog Opera Mundi. 2013. Disponível em: <<http://mobilizacaodigital.wordpress.com/2013/06/29/redes-sociais-foram-o-combustivel-para-as-revolucoes-no-mundo-arabe>>. Acesso em: 30 out. 2014.

CIBERATIVISMO. In: **WIKIPEDIA.** Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Ciberativismo>>. Acesso em: 27 jan. 2015.

COSTA, Camila. **Brasileiros ‘descobrem’ mobilização em redes sociais durante protestos.** BBC Brasil. 2013. Disponível em: <[http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/07/130628\\_protestos\\_redes\\_personagens\\_cc](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/07/130628_protestos_redes_personagens_cc)>. Acesso em: 30 out. 2014.

ELTAHAWY, Mona. **Perfil Twitter.** 2011. Disponível em: <<https://twitter.com/monaeltahawy>>. Acesso em: 27 jan. 2015.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. **Comunicação e política: edifica-se uma tradição?** Belo Horizonte (MG), 2000.

FATTORI, Marília. **Protestos e Manifestações: Redes Sociais X Mídias Tradicionais.** Blog dp6. 2013. Disponível em: <<http://www.dp6.com.br/protestos-e-manifestacoes-redes-sociais-x-midias-tradicionais/>>. Acesso em: 30 out. 2014.

HASHTAGS. In: **Causa Brasil.** Disponível em: <<http://www.causabrasil.com.br/m/index.html>>. Acesso em: 30 out. 2014.

VASCONCELOS, Yuri. **O que é ciberativismo?** Planeta sustentável. 2008. Disponível em: <[http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/atitude/conteudo\\_281598.shtml](http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/atitude/conteudo_281598.shtml)>. Acesso em: dia mês ano.

QASSEMI, Sultan al. **Perfil Twitter.** Disponível em: <<https://twitter.com/SultanAlQassemi>>. Acesso em: 27 jan. 2015.

ANÁLISE de redes sociais sobre as manifestações. In: **Blog Urba me.** Disponível em: <<http://www.urbame.com.br/blog/analise-de-redes-sociais-sobre-as-manifestacoes>>. Acesso em: 30 out. 2014.

O que são #Hashtags e como usá-las corretamente. In: **Blog Wix.** Disponível em: <<http://pt.wix.com/blog/2013/11/o-que-sao-hashtags/>>. Acesso em: 27 jan. 2015.